

**A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

**PLAY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: CONSIDERATIONS FOR CHILD
DEVELOPMENT**

Lorena Alves Nogueira¹
Marcos Vinícius Guimarães de Paula²

Resumo: Este texto tem como objetivo a discussão sobre a brincadeira na Educação Infantil (EI), trazendo considerações de como esta prática no ambiente escolar pode influenciar, ou não, no desenvolvimento da criança ao longo do seu processo educativo, abordando também a forma como estas refletem diretamente em toda a vida escolar da criança nos anos subsequentes, pois denotam uma clara finalidade que não é somente a de recreação, mas sim de interação com o meio na qual está inserida.

Palavras-chave: Educação Infantil; brincadeiras; desenvolvimento.

Abstract: This text has as its objective the discussion about play in Early Childhood Education (EI), bringing considerations on how this practice in the school environment can influence, or not, the child's development throughout the educational process, also addressing the way in which these reflect directly throughout the child's school life in subsequent years, as they denote a clear purpose that is not only recreation, but interaction with the environment in which it is inserted.

Keywords: Child education; pranks; development

1 INTRODUÇÃO

Os anos iniciais da EI são de importantes e podem determinar toda a postura e o crescimento do aluno nos anos seguintes, sendo que deles partem as primeiras impressões e o

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia do Instituto Federal Goiano – Campus Goiânia

² Doutorando em Educação pela Universidade Brasília (PPGE/UnB). Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (PPGIELT/UEG). Professor da Secretaria de Educação de Anápolis-GO. Orientador pela Capes do Curso de Licenciatura em Pedagogia – Modalidade a Distância do IFGoiano. E-mail: guimaraesdepaulamarcos@gmail.com

primeiro contato da criança com o ambiente educacional e até mesmo iniciam o relacionamento com pessoas de fora do seu grupo familiar.

Neste sentido, a pré escola (três – seis anos de idade) possui papel importante ao propiciar às crianças a contextualização de atividades do seu dia a dia e brincadeiras ao desenvolvimento de sua autonomia e o desenvolvimento de suas emoções, o desenvolvimento psicológico, dentre outros aspectos.

A EI foi, por muito tempo, considerada como pouco importante, embasando se na ideia de que era suficiente dispensar alimentação e cuidados às crianças, proporcionando que os pais tivessem onde deixar os seus filhos durante o período que tinham que trabalhar.

Neste sentido, será reforçada como as brincadeiras no contexto da educação infantil são capazes de gerar experiências significativas e fundamentais no desenvolvimento da autonomia infantil.

A escolha do presente tema se justifica pelo fato de que a educação infantil é uma fase escolar pela qual passa toda criança em sua vida escolar, e atribuir a devida importância a esta fase é essencial para que seja dada a correta atenção a esses primeiros anos da vida escolar.

Muitos pais e até mesmo professores antes acreditavam que os primeiros anos da educação de uma criança nas escolas ou creches se baseava apenas em dispensar às crianças cuidados básicos como higiene, alimentação, e ali elas passariam horas para que seus responsáveis pudessem trabalhar e desenvolver suas atividades cotidianas.

Os estudos voltados para esse tema direcionam para o fato de que o papel da educação infantil para as crianças vai bem além, posto que deve oferecer vivências e experiências bastante significativas nas mais diversas áreas do seu crescimento, permitindo-lhe construir laços de afetividade, criatividade, imaginação e consciência que vão-lhe oferecer um suporte para todo o seu processo de aprendizagem ao longo dos mais diversos anos.

Ao tratar do assunto, se tem como objetivo geral analisar e reforçar a importância dos anos iniciais da educação infantil, frente ao senso comum, refletindo sobre a maneira como as brincadeiras no contexto da educação infantil são capazes de gerar experiências significativas e fundamentais no desenvolvimento da autonomia infantil.

2 METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza exploratória e a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, se apoiando em uma base teórica consistente obtida por meio de pesquisa em textos publicados em livros direcionados ao tema, periódicos, bem como na internet.

O presente texto recorreu às obras de Kramer (1986), Jean Chateau (1987), dentre outros. Segundo o primeiro autor, a criança deve ser considerada como um ser social, que passa por estágios do desenvolvimento infantil com a construção baseada nas experiências, assim, a brincadeira pode ser um instrumento eficaz que ajuda na aquisição da aprendizagem. Já Jean Chateau, foi um escritor francês, autor da obra “O jogo e a criança”, publicada no ano de 1987, que aborda, sob a perspectiva genética, a questão da relação do jogo/brincadeira com a infância e o processo de educação, principalmente no ambiente escolar.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente texto tem contribuições de autores como Jen Chateau (1987), Le Boulch (1984), Cabral (2002), Kramer (1987), dentre outros, que publicaram trabalhos voltados para a área da pedagogia, psicopedagogia e psicologia para subsidiar as teses que sustentam a discussão sobre o assunto.

O processo educacional, logo nos primeiros anos de contato da criança com a escola, já pode começar a cultivar essas habilidades por meio das brincadeiras direcionadas para tal fim.

Atualmente, a EI integra o sistema público de Educação Básica, no qual a criança é percebida como sujeito de direitos, detentor de cidadania e merecedor de respeito e atenção de qualidade. É importante destacar que o processo de EI no Brasil, correspondentes às creches e pré-escolas, passou a integrar a Educação Básica a partir de 1996, com a Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que entrou em vigor após dez anos em fevereiro de 2006.

A mencionada Lei foi aprimorada por meio da Lei nº 11.274 de 06 de fevereiro de 2006 que trouxe algumas alterações na LDB no que diz respeito à Educação Básica e os seus níveis de ensino, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9

(nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. (BRASIL, 1996).

Neste contexto, a educação deve agregar questões relacionadas à diversidade cultural, racial e a sustentabilidade do mundo, do país, do estado, da localidade em que se encontra, em que o currículo nas escolas deve buscar a articulação entre as experiências dos saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico da sociedade, por meio de práticas pedagógicas planejadas e permanentemente avaliadas que estruturam o cotidiano das instituições.

3.1 Conceito e considerações a respeito do brincar

O brinquedo já era visto por Vygotsky, como um meio de desenvolvimento da criança. (REGO, 1998). Para o autor, o termo brinquedo se refere ao ato de brincar, que é quando a criança tem a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e suas habilidades motoras, cognitivas, psicológicas e até mesmo linguísticas, na medida em que neste momento está em troca com outras pessoas/crianças.

As atividades lúdicas desenvolvem o conhecimento e colaboram com a aprendizagem, levando a criança a identificar, comparar, classificar, conceituar, relacionar e assim inferir alcançando assim gradativamente o seu conhecimento. A brincadeira é algo plenamente comum, e pode se dizer que é indispensável para a saúde física, emocional e psicológica, pois leva ao envolvimento da criança com o imaginário, com a criatividade, fazendo com que ela se aproprie de novos conhecimentos, de novas interações de acordo com as atividades que são propostas. (REGO, 1998).

O dicionário traz a seguinte definição para a palavra brincar: “Enfeitar com ornatos; rendilhar. / Divertir-se / Entreter-se com alguma coisa infantil/ Galhofar; gracejar / Agitar maquinalmente / Proceder levemente / Agitar-se (diz-se das ondas)”, que demonstram a liberdade dessa prática voltada à satisfação pessoal e coletiva. (FERREIRA, 1999)

Além de ser extremamente agradável e prazerosa, a brincadeira deixa o seu registro afetivo na memória dos adultos uma vez que já brincaram em alguns momentos de suas vidas, e desses momentos trazem memórias na maioria das vezes positivas e das quais sentem saudades.

A brincadeira é uma atividade exploratória, que estimula na criança o seu desenvolvimento físico, mental, emocional e também social, desenvolvendo o exercício da fantasia e da imaginação, que agem diretamente ajudando na formação da identidade e da capacidade de autonomia, de pensamento, de relacionamento, que se refletirão diretamente na vida adulta. Neste sentido, cabe problematizar que:

O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experiências que são diferenciadas pelo uso de material ou dos recursos predominantemente implicados. Essas categorias incluem: o movimento e as mudanças da percepção resultantes essencialmente da mobilidade física das crianças; a relação com os objetos e suas propriedades físicas assim como a combinação e associação entre eles; a linguagem oral gestual que oferecem vários níveis de organização a serem utilizados para brincar; os conteúdos sociais, como papéis, situações, valores e atitudes que se referem à forma como o universo social se constrói; e, finalmente, os limites definidos pelas regras, constituindo-se um recurso fundamental para brincar. Estas categorias de experiências podem ser agrupadas em três 20 modalidades básicas, quais sejam brincar de faz-de-conta ou com papéis, considerada como atividade fundamental da qual se originam todas as outras; brincar com materiais de construção e brincar com regras. (BRASIL, 1998, p.28)

O brincar é considerado um ato social e desenvolve um papel fundamental na saúde da criança, portanto, pode ser considerado algo primordial para o seu completo e satisfatório desenvolvimento. Todavia, nem sempre a brincadeira é algo que genuinamente faz parte do dia a dia e da rotina de todas as crianças. Muitas têm esse cenário desejável afetado por situações como a vida moderna das grandes cidades, a violência, a falta de contato com amigos, vizinhos e familiares, dentre outros, estilo de vida que faz com que as crianças interajam cada vez menos com outras e tenham uma vida preenchida por uma rotina corrida e cada vez mais conectada apenas com o mundo virtual.

Neste cenário, os pais têm papel fundamental em buscar a atenção e preservação ao direito da criança de brincar, dados os seus benefícios e a necessidade de que aconteça para o bom desenvolvimento delas. Assim, a eles compete o papel de estimular e proporcionar um ambiente saudável e propício à brincadeira, estimulando-as a explorar o meio à sua volta, a interação com o próximo, tomada de decisões, etc.

Por meio dessas situações vivenciadas é que as crianças adquirem e estreitam vínculos com outras pessoas, passam a entender e a se posicionar diante de conflitos e de divergências de posicionamentos, motivação e iniciativa para resolver os seus problemas e assim ganhando equilíbrio emocional e desenvolvimento da sua personalidade.

No mesmo sentido em que cabe aos pais proporcionar esses momentos regulares de brincadeira, no ambiente escolar esta também se faz presente e necessária, na medida em que faz parte da prática pedagógica

3.2 A brincadeira no contexto escolar

A brincadeira é algo próprio da infância, sendo que por meio delas as crianças atendem grande parte de suas necessidades e interesses, na sua forma de ver o mundo e de se relacionar com ele diariamente. Além de proporcionar alegria e divertimento, o brincar revela por meio do comportamento da criança, a sua interação com o mundo, e a sintetização da vivência até então já adquirida com a família ou seus cuidadores com quem ela desenvolve laços de afetividade e convivência.

Na tarefa de garantir às crianças seu direito de viver a infância e de se desenvolver, as experiências no espaço de EI devem possibilitar que a criança encontre explicações sobre o que ocorre a sua volta e consigo mesma, reconhecendo a como um ser social, histórico. Nesta perspectiva, Kramer (1986) sinaliza que se deve:

Conceber a criança como ser social que ela é, significa: considerar que ela tem uma história, que pertence a uma classe social determinada, que estabelece relações definidas segundo seu contexto de origem, que apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais estabelecidas, que ocupa um espaço que não é só geográfico, mas que também dá valor, ou seja, ela é valorizada de acordo com os padrões de seu contexto familiar e de acordo com sua própria inserção nesse contexto (KRAMER, 1986, p. 79).

O referido autor ainda relata a respeito das relações sociais e culturais das crianças, descrevendo que tanto a brincadeira como a infância são objetos de estudo de forma interdisciplinar, uma vez que esta relação é muito ampla e complementar. Nas palavras do autor ele destaca que:

A infância e a criança tornam-se objeto de estudo e saberes de diferentes áreas, constituindo-se num campo temático de natureza interdisciplinar. Independe da forma como era observado, do posicionamento teórico que se tivesse sobre ela, a infância tornou-se visível com um estatuto teórico. A infância, enquanto produto cultural, não pode ser pensada como pronta. Portanto, a concepção de criança e infância na qual acreditamos é a de que ela é um ser histórico, social e político, que encontra nos outros, parâmetros e informações que lhe permitem formular, questionar, construir e reconstruir

espaços que a cercam. Apostamos numa concepção que não se fixa num único modelo, que está aberta à diversidade e à multiplicidade que são próprias do ser humano (KRAMER, 1999, p. 277).

A brincadeira pode ser um instrumento eficaz que ajuda na aquisição da aprendizagem, contribuindo para o pleno desenvolvimento da criança no seu aspecto físico, afetivo, intelectual, linguístico, cultural e social. O brinquedo ou a brincadeira infantil são recursos que ensinam, desenvolvem e educam de forma prazerosa, o brinquedo educativo materializa-se no quebra-cabeça, destinado a ensinar formas ou cores; nos brinquedos de tabuleiro, que exigem a compreensão do número e das operações matemáticas; nos brinquedos de encaixe, que trabalham noções de sequência, de tamanho e de forma; nos múltiplos brinquedos e brincadeiras cuja concepção exigiu um olhar para o desenvolvimento infantil e materialização da função psicopedagógica: móveis destinados à percepção visual, sonora ou motora; carrinhos munidos de pinos que se encaixam para desenvolver a coordenação motora; parlendas para a expressão da linguagem; brincadeiras envolvendo músicas, danças, expressão motora, gráfica e simbólica.

Nesta perspectiva, é importante destacar que o desenvolvimento não é linear, mas evolui a cada dia e a cada experiência, sendo que cada brincadeira, cada momento de interação é único e constitui uma parte do todo do desenvolvimento. É neste contexto que Craidy e Kaercher (2001) dividem o desenvolvimento infantil em fases ou etapas, de modo que uma é dependente e sequencial à outra, passando desde o estágio emocional, que é impulsivo e ligado às suas interações com o meio ambiente; estágio de intensa exploração do mundo ao seu redor até chegar na efetiva construção de si. Assim, os autores supracitados analisam que:

Estágio impulsivo-emocional (1º ano de vida): nesta fase predominam nas crianças as relações emocionais com o ambiente. Nesta fase vão sendo desenvolvidas as condições sensório-motoras (olhar, pegar, andar) que permitirão, ao longo do segundo ano de vida, intensificar a exploração sistemática do ambiente.

Estágio sensório-motor (um a três anos): ocorre neste período uma intensa exploração do mundo físico, em que predominam as relações cognitivas com o meio. No final do segundo ano, a fala e a conduta representativa (função simbólica) confirmam uma nova relação com o real, que emancipará a inteligência do quadro perceptivo mais imediato. Ou seja, ao falarmos a palavra "bola", a criança reconhecerá imediatamente do que se trata, sem que precisemos mostrar o objeto a ela.

Personalismo (três aos seis anos): nesta fase ocorre a construção da consciência de si, através das interações sociais, dirigindo o interesse da criança para as pessoas, predominando assim as relações afetivas. Há uma mistura afetiva e pessoal que refaz, no plano do pensamento, a diferenciação inicial entre inteligência e afetividade. (CRAIDY; KAERCHER, 2009, p. 26-29).

Neste sentido, a criança vai desenvolvendo a sua imaginação, relacionando as brincadeiras como seu mundo real, e esta capacidade vai se aperfeiçoando a cada dia e a cada nível de conhecimento e interação que esta criança alcança. É nesse espaço de brincadeiras e de interação com brinquedos e com o mundo a sua volta que se dá a verdadeira aprendizagem e dá espaço para a formação de conceitos que vão acompanhar todo o desenvolvimento do aluno nos anos posteriores até que o seu processo cognitivo e de conhecimento esteja totalmente formado e apto a absorver e expressar todo o seu conhecimento.

Segundo Brougère (2000), o espaço físico é importante na mesma medida que o espaço intelectual para que a criança possa desenvolver as suas habilidades criativas a fim de desenvolver o seu aprendizado de forma plena. O autor a respeito descreve que:

A criança precisa de espaço não somente o físico, mas o da criatividade, no qual possa aprender e assimilar com liberdade, pois o brincar é também um grande canal para o aprendizado, senão o único canal para verdadeiros processos cognitivos.

É por meio do brincar que a criança adquire esse espaço criativo e desenvolve o seu pensar e assim consegue evidenciar aos adultos que está apta a construir os seus próprios conhecimentos, apropriando se dos códigos culturais e seu papel na construção de uma sociedade.

A Educação Infantil tem como fundamento unir o educar e o cuidar em torno da aprendizagem, compreendendo o aluno como um ser integral que necessita desenvolver-se em seus aspectos: motor, cognitivo, social e afetivo (CABRAL, 2005).

O autor acima mencionado continua descrevendo que:

Encaramos a socialização como o conjunto dos processos que permitem à criança se integrar aos “socius” que acerca assimilando seus códigos, o que lhe permite instaurar uma comunicação com os outros membros da sociedade tanto no plano verbal quanto no não-verbal. Acontece que pensamos que numa sociedade onde os objetos são, não só cada vez mais numerosos, mas também cada vez mais pregnantes, indispensáveis em numerosas situações de comunicação, mediadores onipresentes, eles também são vetores importantes no processo de socialização, muitos particularmente através dos brinquedos, que são objetos específicos da infância. (CABRAL, 2005, p. 72)

De acordo com Cabral (2005, p. 11) a educação infantil constitui um espaço “de relações sociais entre os sujeitos, sujeitos históricos e interativos que se constroem em um currículo vivo, permeado de ações e atitudes conceitos e linguagens e interesses”.

Esses conhecimentos explorados por meio das brincadeiras visam construir um verdadeiro alicerce sob o qual a criança vai edificando o seu percurso de aprendizado, solidificando com o passar do tempo a sua consciência social, afetiva e cultural em relação ao seu mundo de vivência.

No mesmo sentido, Jean Chateau (1987) em sua obra direcionada ao tema “O jogo e a criança”, analisa, sob a égide psicológica, a influência das brincadeiras e jogos no processo de educação infantil. O autor busca compreender e demonstrar como os gestos, a linguagem corporal e todo o comportamento infantil se posiciona frente às brincadeiras intencionalmente direcionadas durante o processo de aprendizagem no ambiente escolar.

Cada imagem, pessoa, situação e objeto que é posto para a criança, lhe estimula de alguma forma, levando-a a estabelecer uma sequência de pensamentos e comportamentos que conduzem paulatinamente o seu desenvolvimento.

Le Boulch (1984) em seu estudo sobre o desenvolvimento psicomotor infantil destaca que a fase compreendida entre 03 a 06 anos de idade, é quando se opera a fase do “corpo percebido”, quando a criança passa a se perceber e tomar consciência do "eu". Nessa fase ela se diferencia do meio e organiza seu corpo, quando organiza o espaço, que é determinado pela posição que o corpo ocupa. A partir dessa fase ela torna-se capaz de efetuar e programar suas ações em pensamento, sendo também capaz de organizar-se e de combinar diversas orientações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jogos e brincadeiras são recursos fundamentais e indispensáveis para a aquisição e fixação da aprendizagem das crianças, especialmente no que diz respeito aos primeiros anos do processo de inclusão da criança na escola. Embora em um primeiro momento possa parecer que esses recursos são apenas com a finalidade de recreação e diversão das crianças, observou-se que vai muito além, sendo um componente indispensável para a construção do aprendizado e crescimento psicomotor, cognitivo, social e afetivo do aluno, possibilitando à criança a aquisição do domínio da comunicação, do relacionamento com outras pessoas, disciplina, curiosidade, cooperação, dentre outras.

Neste sentido, o lado lúdico, por sua tamanha importância, deve ser desenvolvido regularmente e coordenadamente no ambiente escolar, e além disso, deve ser expandido para o

ambiente familiar, pois as diversas áreas de estudo do comportamento humano demonstram que tudo que está a volta da criança contribui positiva ou negativamente no seu processo de crescimento e sendo determinante para a construção de toda a sua vida adulta.

Sendo assim, a escola e os educadores têm papel fundamental neste processo de construção do crescimento infantil direcionado, trabalhando e estimulando o seu desenvolvimento, e sendo certo que a participação do contexto familiar neste sentido também é fundamental e indispensável a fim de se alcançar um desenvolvimento saudável baseado em estímulos corretos e direcionados para tal fim.

Restou demonstrado, com base em estudos e contribuições das mais diversas áreas (educacional, psicológica), que os anos iniciais da educação são primordiais para estimular o desenvolvimento das crianças com base em brincadeiras direcionadas e desenvolvidas para tal, pois esta prática que pode parecer simples e não intencional, se devidamente explorada no ambiente escolar tem muito a contribuir com o processo educacional no contexto da EI.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, PHILIPPE. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. MEC/SEF, 1998.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CABRAL, AC FC.: **Formação de Professores para a Educação Infantil**: um estudo realizado em um Curso Normal Superior. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_CabralAC_1.pdf. Acesso em 10 mai. 2022.

CHATEAU, JEAN. **O Jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Dois Pontos, 1987.

LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor – do nascimento até 6 anos**. Trad.: Ana G. Brizolara, 2ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky – **Uma Nova Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. 5. ed. Petrópolis: Vozes. 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.